

# 1

Quem me disse foi um polícia que tocou à porta. Não era nenhum dos que eu tinha visto antes, nenhum dos habituais. Era só um rapazito, magricelas e com borbulhas rebentadas pelo pescoço todo.

— Senhora Spencer?

Não devia ter mais de vinte anos. Estava com um ar muito infeliz.

— Senhora Spencer?

Eu soube antes de ele falar. Tive um baque quando abri a porta. (Durante anos, tive um medo horrível de abrir aquela porta. Detestava, aterrorizava-me. Tínhamos uma campainha estridente como um alarme, que fazia estremecer as paredes quando alguém tocava. Fazia-me saltar do chão, os miúdos começavam a berrar, era terrível, fodido. Éramos apanhados, caçados, apanhados em flagrante. Olhávamos à volta para esconder aquilo com que tínhamos sido apanhados, as coisas que o Charlo tinha deixado no *hall*, coisas que tinha roubado e deixado ali. Ele trocou a campainha, depois de eu lhe ter enchido os ouvidos e de quase fazer pelas pernas abaixo, cinco ou seis vezes por dia. A Nicola, a minha mais velha, não ia à volta, pelas traseiras, para entrar em casa. Queria entrar pela porta da frente, era mais adulto. Tocava à campainha umas dez vezes por minuto.

- Esqueci-me do blusão.
- Esqueci-me do dinheiro.
- Não gosto de me ver com estas calças de ganga.

Bati-lhe — tinha ela doze ou treze anos, já crescida de mais para apanhar — quando tocou à campainha pela centésima vez, numa manhã de sábado. Bati-lhe como uma mulher bate noutra, à estalada. Estava um bocado bêbeda, tenho que admitir. Arrependi-me, tentei parar a mão depois dela ter dado em cheio na bochecha e voltado para trás. Ela levou a mão à bochecha. Estava vermelha onde lhe acertei. Ficou espantada; não tinha notado que eu estava a ficar cada vez mais irritada. Nunca notam naquela idade — em qualquer idade. Tive pena dela, mas tinha merecido. Fiquei com pena de estar bêbeda, envergonhada, zangada, habitualmente conseguia que ninguém notasse. Não aguentei, era só uma campainha estúpida. Ela disse que me odiava, bateu com a porta e saiu a correr. Não a castiguei. A campainha nova tinha um bing-bong agradável mas não adiantou. Continuei a apanhar um susto sempre que alguém tocava. Os polícias à procura do Charlo, professores à procura do John Paul, homens à procura de dinheiro. É difícil escondermo-nos numa casa cheia de miúdos, fingir que não está ninguém. Bing-bong. Só entravam más notícias por aquela porta: a minha irmã, o papá, o John Paul, o Charlo. Bing-bong.) Tive um baque, quando abri a porta e vi o polícia. Foi a cara dele que mo disse antes de estar preparada para saber. Ele não andava à procura do Charlo, não era como de costume. Estava com medo e tinha alguma coisa para me dizer. Tive pena do pobre rapazito, destacado para fazer o pior serviço. Os outros inúteis estavam lá fora, no carro, demasiado preguiçosos e finos para entrarem e dizerem-me eles mesmos. Convidei-o para tomar uma chávena de chá. Sentou-se na cozinha, com o chapéu ainda na cabeça. Contou-me tudo sobre a família dele.

## 2

Desmaiei da primeira vez que vi o Charlo. Desmaiei mesmo. Não perdi os sentidos nem caí no chão, mas as minhas pernas ficaram bambas e desatei às risadinhas. De repente soube que tinha pulmões, porque ficaram vazios e falharam.

Charlo Spencer.

Lá estava ele, ali, encostado à parede.

A Fiona fez-me sinal com o cotovelo.

— Lá está ele.

Vi-o e percebi a quem se referia. Não podia ser nenhum outro, depois de tudo o que eu tinha ouvido acerca dele, depois de tudo o que tinha esperado. Estava com um grupo mas sem par. As mãos nos bolsos, com os polegares de fora, por cima da ganga, e um cigarro na boca. Pensei, na altura, e penso, agora: o cigarro é sensual — vale a pena o cheirete e o cancro. Blusão negro de aviador, paralelas<sup>1</sup>, sapatos de pala — trazia vestido aquilo que toda a gente usava nessa altura, mas o uniforme era feito especialmente para ele. Os outros rapazes pareciam brancos e deformados ao lado dele. Um bocado alto, aspecto de duro, airoso. Metido consigo, mas sabia que estávamos a observá-lo.

Tínhamos estado a dançar juntas num círculo, de blusões e camisolas e bolsas no chão à nossa frente, e eu estava um bocado suada. E senti o suor quando vi o Charlo. Isto não era um fraquinho — aquele ali não era o David Cassidy ou o David Essex — isto era sexo. Queria ir lá e mordê-lo.

Tirou o cigarro da boca — consegui sentir o lábio a ir junto, um bocado, antes de largar — e deitou um belo jacto de fumo para a luz de cima que afastou do caminho o fumo velho e avançou para o tecto. Depois encaixou outra vez o ci-

<sup>1</sup> Calças de ganga direitas, muito largas e curtas (acima do tornozelo), usadas por muitos jovens das classes trabalhadoras, nos anos 70. (N. T.)

garro no lábio e a mão voltou para o bolso. Era elegante. A palavra não parece adequada, mas era isso o que ele era.

A música. Lembro-me dela. As mulheres lembram-se sempre. *Sugar Baby Love*. Dos Rubettes. Era a canção perfeita, doce e mexida, pirosa mas maldosa, aguda mas decididamente masculina. A canção de Charlo, e ele não sabia. Não tinha nada a ver com ela. O *DJ* tinha-a escolhido, ali e naquele preciso momento. E era adequada, era perfeita. Ao olhar para trás, agora. Mas eu não sabia que ele ia olhar para mim. Não sabia que ia desencostar-se da parede e caminhar. Não sabia que ia pôr-se à minha frente. Nem tive tempo para sonhar com isso.

Ele vinha aí. O cigarro foi parar ao chão, atirou-o fora com um piparote, nem viu para onde. Vinha direito a mim, mas não estava a olhar. Borrei-me de medo, ia passar por mim.

— Queres dançar?

Fi-lo suar um bocado.

— ‘Tá bem.

Foi perfeito a escolher o momento. Acabaram os Rubettes, e começou o Frankie Valli a cantar *My Eyes Adored You*. Deve ter planeado aquilo. Os braços dele passaram pelos meus exactamente quando o Frankie disse *My*, os dedos dele ficaram entrelaçados nas minhas costas no momento em que o Frankie chegou a *Eyes*. Tinha estado a beber. Eu sentia o cheiro, mas não tinha importância. Não estava bêbedo. Tinha os braços pousados nas minhas ancas e deu voltas e voltas comigo.

— *But I never laid a hand on you* —

*My eyes adored you* —

Pus a cabeça no ombro dele. Tinha-me conquistado.

### 3

*Não percebi nada durante um bocado, onde estava, como tinha ido parar ao chão. Depois vi os pés do Charlo, a se-*

*guir as pernas, a fazerem um triângulo com o chão. Parecia estar muito acima de mim. Quilómetros acima. Tive que me inclinar para trás para o ver. Depois baixou-se até ao pé de mim. A cara, os olhos dele percorreram a minha cara toda, a ver, à procura. À procura de marcas, à procura de sangue. Estava preocupado. Virou-me a cabeça e olhou. A cara dele estava cheia de preocupação e amor. Desviou-se dos meus olhos.*

*— Caíste — disse ele.*

## 4

Eu tinha uma irmã mais velha, a Carmel, e duas mais novas, a Denise e a Wendy, e três irmãos, o Roger, o Edward e o George, todos mais novos — o George ainda é adolescente, da idade da minha Nicola. Depois havia a minha mãe e o meu pai, Hilda e Roger. Os O'Leary da Avenida St. Francis, n.º 97. Nenhum gato, nem cão.

A Wendy morreu. Era seis anos mais nova do que eu. Tomou-nos conta dos miúdos, algumas vezes. Era ótima — levantava-se de manhã com os miúdos e dava-lhes o pequeno-almoço, para nós podermos ficar na cama. Para *eu* poder ficar na cama. Era linda, um corpo lindo, um cabelo preto bestial — como nos anúncios. A Nicola e o John Paul eram doídos por ela. Nunca se importavam quando saíamos, porque isso queria dizer que a Wendy ia ficar até ao dia seguinte. Eu e o Charlo saíamos a sério, nesse tempo, não era só ir até ao *pub* do sítio, embora também fizéssemos isso. Fazíamos um esforço, íamos ao cinema à cidade. Até voltámos a algumas das discotecas aonde tínhamos ido antes de estarmos casados. Durante algum tempo. Eu não bebia tanto na altura, só quando saíamos, em ocasiões especiais — não me lembro quais. A Wendy ia atrás na mota do namorado e ele foi con-